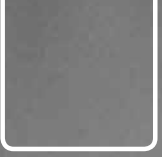


entrevista



Clássicos do teatro revividos na memória de uma grande atriz

Entrevista com Bibi Ferreira

POR ROBERTA CARBONE

FOTOS DE IGOR BOLOGNA

A entrevista a seguir foi realizada em 23 de abril de 2016, após o último dia da temporada paulistana de Bibi Ferreira Canta Repertório Sinatra. E, apesar dos muitos compromissos e do desgaste da apresentação, ela nos recebeu em seu camarim, no Teatro Renaissance, para algumas perguntas. Com seus 94 anos, Bibi quase não dá mais entrevistas ou fala publicamente, preservando sua voz para as apresentações. No entanto, a atriz conserva a graciosidade e o charme que tanto encantam seu público, além de uma voz impecável. Um ícone de nossa atuação, sua fala revela a valorização de qualidades características de certa tradição teatral, ao mesmo tempo em que expressa traços ainda reconhecidos na atualidade, como todo bom clássico.

Eu queria que você contasse como começou no teatro. É verdade que você entrou, ainda bebê, para substituir uma boneca que havia desaparecido dos bastidores?

BIBI FERREIRA – É verdade! Foi substituição de uma boneca que desaparece da contrarregragem. Então alguém disse: “Tem a filha do Procópio, uma menininha que nasceu outro dia. Se a mãe deixar!” A mãe deixou e eu entrei com 21 dias de nascida.

E que espetáculo era?

BIBI – *Manhãs de Sol*, de Oduvaldo Vianna, que depois foi meu padrinho.

Bibi, o meu pai sempre se lembra do Monólogo das Mãos, que seu pai fazia e que você também faz, não é?

BIBI – O Vianna escreveu exclusivamente para papai. Quem fez também foi o Lúcio Mauro. Quando eu quis fazer, foi ele que me mandou o texto completo. Inclusive fui madrinha de casamento do Lúcio.

Como é ser filha de dois grandes artistas?

BIBI – Mamãe era bailarina. Agora, ser filha de Procópio, eu ouvia muito: “É a cara do pai.” Realmente eu sou muito parecida com papai, sabe?! Posições, posturas na vida. E papai tinha uma coisa que ninguém consegue, eu não consigo, ele tinha uma voz falando maravilhosa, uma voz fortíssima. Ele falava em segredo no palco e a gente ouvia da última fila. Pessoa maravilhosa, meu pai. Mamãe talvez tenha sido a pessoa mais bonita fisicamente, e por dentro também, que eu conheci em minha vida. Mamãe era muito bonita. Todos os traços do rosto de mamãe eram perfeitos. Cabelo cacheado caído nos ombros... Mamãe era muito bonita!

Como eles se conheceram?

BIBI – Foi assim: o meu avô, Antonio Izquierdo, foi convidado para vir reger – ele era regente de orquestra – um espetáculo em um teatro lírico no Rio de Janeiro que hoje não existe mais. E ele resolveu trazer, porque era época de férias, a filha, que era mamãe. Então ele trouxe mamãe,

ainda pequena, para o Rio de Janeiro. Meu pai começava a carreira no Teatro São Pedro, no Rio de Janeiro. E ele conheceu mamãe, que era muito linda, e ele também muito lindo. Jovens, os dois se encantaram um com o outro e acabaram casando.



Apresentação de Bibi Ferreira Canta Repertório Sinatra no

Bibi, desde quando você começou até hoje, quais são as principais diferenças que você observa no teatro?

BIBI – Não tem diferença. O teatro é uma coisa tão simples que não tem diferença de trezentos anos para cá ou trezentos anos para lá. É um palco, a

plateia e o texto. Não existia nem luzes naquela época. E o principal é o autor de teatro. Esse autor, eu conheci alguns, como meu padrinho Oduvaldo Vianna, um grande autor. Ele teve uma peça chamada *Amor*, que foi feita para a Dulcina de Moraes. Dulcina ficou séculos cantando, fazendo

Ernani Fornari¹ foi um grande autor. É muito ruim você dizer “o”, artigo definido, masculino, singular. É muito difícil falar de um autor, porque tem muita gente boa. Mas tem gente muito boa que não escreveu para teatro e eu perguntaria o porquê essa gente não escreveu para teatro.



Teatro Renaissance, em abril de 2016.

a peça *Amor*, de Oduvaldo, que era casado com Abigail Maia, que se tornou minha madrinha também. Por isso que eu me chamo Abigail.

Para você, quem seria um autor clássico do teatro brasileiro, um grande autor?

BIBI – Um grande autor... Nós tivemos muitos.

Uma das minhas perguntas seria dirigida – ele não existe mais – mas seria para, por exemplo, Érico Veríssimo. Um talento para escrever. *Olhai*

1. (Rio Grande, 1899 - Rio de Janeiro, 1964), foi um escritor, poeta, teatrólogo e historiador brasileiro, cuja obra literária transita entre o Simbolismo e o Modernismo.

os *Lírios do Campo*, coisa mais bela! “Olhai para os lírios do campo”, Jesus falou. Enfim, os autores de teatro mais ligados a mim e que eu considero, o meu padrinho Oduvaldo Vianna, que escreveu essa peça *Amor para Dulcina*, entre muitas outras peças. Eu fiquei muita ligada a esse pessoal, que se tornou uma família, um núcleo fechado. E isso foi muito bom pelas conversas. Eu me lembro que o meu padrinho, ele costumava pedir um cafezinho e ficava remexendo, remexendo com a colher o açúcar com o café, e aquilo levava séculos: ele tomando e explicando como era o teatro que ele fazia, que é exatamente o que se faz até hoje. O teatro não muda e, por isso, o teatro é eterno, porque ele é simples. Não procure muito encrenca, porque não precisa.

O que você destacaria nas peças do Oduvaldo Vianna?

BIBI – A graciosidade do linguajar, a forma dele colocar as frases na peça. O linguajar muito carioca, por sinal, muito brasileiro. Isso que era o bonito do Oduvaldo e que é muito nosso.

E o que você acha que se mantém dele nas gerações posteriores, como em seu filho Oduvaldo Vianna Filho?

BIBI – É um pouco difícil dizer, porque o Vianinha era uma pessoa um pouco esquiva da nossa geração. Ele ficava muito longe da nossa geração. E é muito difícil você comparar um filho com o pai. Por causa das circunstâncias, por causa da política da época. O Vianinha era um homem que me impressionava muito pela beleza física. Ele era um dos homens mais bonitos que eu conheci em minha vida. Ele era extremamente querido comigo. Ele me abraçava muito. Uma vez ele me perguntou: “Escuta, Bibi, por que você, quando faz *O Homem de La Mancha*, usa calcinha vermelha?”, e eu respondi: “Mas que pergunta besta, Vianinha.” Ele então disse: “Não, é porque eu vejo você no palco, andando com aquela calça vermelha.” E eu falei: “Mas era justamente para você notar.” (*Risos.*)

Neste momento da entrevista, Bibi faz uma pausa. Ela pega uma grande taça que estava apoiada sobre



uma mesa do camarim, para beber um gole d'água misturada a pouco de açúcar.

BIBI – Minha garganta seca e eu não posso ficar tossindo. Porque tossir arranha as cavernas que nós temos na garganta. Quando nós temos a sorte de ter alguma voz... Você sabe que voz não existe, né? Só existe uma coisa chamada respiração. Minha professora, dona Ilza Correa, ela viveu durante dez anos com o Mario Del Monaco, que era o maior tenor do mundo naquela época. Ela tinha histórias maravilhosas para contar. E, ao estudar com a dona Ilza, ela dizia: “Ninguém precisa dessa coisa horrorosa de dizer ‘voz’, mas sim ‘respiração!’” E ela me ensinou a respirar a ponto de eu ainda não estar rouca depois de fazer toda essa temporada, e estar conversando com você em um tom suave, e não perder a faculdade da fala limpa. Porque ela me ensinou a respirar, que é o mais importante para falar.

Quais seriam os grandes autores internacionais para você?

BIBI – Eugene O’Neill é um grande teatrólogo. Eu acho O’Neill o melhor, indiscutível. Por quê? Bom, cada um tem a sua opinião. Mas eu acho O’Neill, porque ele conseguiu, em *Desejo*, sintetizar todos os sentimentos do coração humano. E é por isso que eu acho O’Neill o melhor autor.

Nós, no Teatro Escola Macunaíma, trabalhamos a partir do sistema de Constantin Stanislávski. Mas você viveu uma época em que ele ainda não havia chegado ao Brasil. Como se dava então o processo de construção de personagens?

BIBI – Olha, eu vou te contar, nós temos um autor aqui no Brasil que eu considero um dos maiores do mundo: Martins Pena. Se você pegar a obra do Martins Pena e ler *O Noviço*, por exemplo... Eu logo me apaixonei. Quando eu entrei em contato com ele e li *O Noviço*, eu estudei muito para fazê-lo. Eu fui ao médico para ver se eu podia fazer isso e, durante uns dois meses, eu tentei botar a voz mais grave para fazer o famoso Padre Carlos. E isso me custou muito trabalho. Mas o mais difícil que eu achei nesse papel, que é o mais difícil da

minha vida, não foi descer a voz para parecer um rapaz, mas foram as mãos femininas. Eu tinha que ser um homem e ainda por cima padre. Um jovem padre! O que você faz com as mãos? Isso foi o difícil do papel. E talvez das coisas mais difíceis mesmo, para além do papel de padre.

Mas você chegou a trabalhar com o Stanislávski?

BIBI – Eu cheguei a trabalhar com a obra dele sim. Meu pai, Procópio Ferreira, foi quem me apresentou. Era ele quem abria todos os caminhos para mim. Papai era um homem muito ilustre, muito lido. Ele sabia mais de teatro que muita gente. E eu cheguei a conhecê-lo como homem de teatro. Papai levava uma vida muito simples. Ele fazia duas sessões por noite, das oito às dez horas e das dez à meia noite. Ele saía do teatro, ia jantar na Rua São José, que tinha um restaurante chamado Minhota. Ali ele jantava e depois ia para casa. Mas, nesse jantar, ele recitava tudo o que você queria. Papai era um grande declamador como eu jamais imaginei encontrar na minha vida, no meu cotidiano. Papai tinha o poder da fala. Ele tinha uma voz deslumbrante, forte, perfeita, limpa; e um grande conhecimento da língua. Papai conhecia a língua portuguesa a fundo. E ele lia muito os estrangeiros portugueses para nós, com o nosso sotaque. E era muito bonito, por exemplo, ver papai fazer *A Ceia dos Cardeais*, de Júlio Dantas. Ele tinha um volume vocal de dar inveja. Quando ele começava a recitar Dantas e outros por aí, era uma coisa maravilhosa! Eu acho que o maior talento que eu conheci na minha vida ou li a respeito foi Procópio Ferreira.

A essa altura, Bibi dava sinais de cansaço, tendo em vista ser este o último dia de uma temporada de quase um mês, de sexta a domingo, com duração de setenta minutos cada apresentação. Antes da entrevista, ela fez questão de atender todos que queriam falar ou tirar fotos com ela.

Entrevista transcrita e pré-editada por Igor Bologna, com edição final de Roberta Carbone. ■